

A TRANSPARÊNCIA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS BIOGRAFIAS “LULA” E “MARIGHELLA”.

Transparency in the production process of the biographies “Lula” and “Marighella”.

Transparencia en el proceso de producción de las biografías “Lula” y “Marighella”.

Marta R. Maia¹
Elias C. Fernandes²

Resumo

Nosso objetivo é discutir a relação entre narrativas biográficas e o processo de produção jornalística a partir da análise dos livros Lula, de Fernando Morais, e Marighella, de Mário Magalhães. Para atingir esse propósito, trabalhamos com o operador metodológico da “transparência” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003; MAIA, 2008; CRISTOFOLETTI, 2021), com o intuito de verificar os procedimentos adotados, as fontes utilizadas e o papel testemunhal dos repórteres.

Palavras-chave: Biografias. Jornalismo. Transparência. Lula. Marighella.

Abstract

Our objective is to discuss the relation between biographical narratives and the journalistic production process through the analysis of the books Lula, by Fernando Morais, and Marighella, by Mário Magalhães. In order to achieve this purpose, we used the methodological operator of “transparency” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003; MAIA, 2008; CRISTOFOLETTI, 2021) to verify the chosen procedures, used sources and the testimonial role of reporters.

Keywords: Biographies. Journalism. Transparency. Lula. Marighella.

Resumen

Nuestro objetivo es discutir la relación entre narrativas biográficas y el proceso de producción periodística a través del análisis de los libros Lula, de Fernando de Morais, y Marighella, de Mário Magalhães. Para lograr este propósito, trabajamos con el operador de la metodología de la “transparencia” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003; MAIA, 2008; CRISTOFOLETTI, 2021) con el fin de verificar los procedimientos adoptados, las fuentes utilizadas y el papel testimonial de los reporteros.

Palabras-clave: Biografías. Periodismo. Transparencia. Lula. Marighella.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação, com pós-doutoramento em Comunicação pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana - MG, Brasil. martamaia@ufop.edu.br | <http://orcid.org/0000-0002-0580-2147>.

² Mestrando em Comunicação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana - MG, Brasil. elias.fernandes@aluno.ufop.edu.br | <https://orcid.org/0000-0001-6813-2462>.

Introdução

A prática jornalística comporta inúmeras possibilidades. Mesmo considerando que extrapolamos o chamado paradigma informacional de comunicação e conseguimos alcançar um paradigma relacional, não há como diagnosticar a presença de uma situação comunicativa compartilhada de maneira preponderante no cenário atual. Entretanto, assim como são muitos os exemplos que primam somente pela lógica binária transmissiva entre emissor e receptor nesse processo, também podemos afirmar que outro jornalismo é possível.

Como produtor de significados e com grande reverberação na sociedade, o campo jornalístico tem conseguido se espalhar em outros territórios a partir de produções fronteiriças que conferem aos jornalistas certa expertise em áreas até então limitadas às outras esferas do conhecimento, como é o caso das biografias. Como inúmeras discussões conceituais sobre as biografias sempre ocorreram, em especial, no âmbito da literatura e da história é preciso, em pleno XXI, avançarmos nas reflexões sobre as intersecções entre jornalismo e biografia. É o que pretendemos fazer nesse artigo.

Considerando que houve uma significativa ampliação da produção de biografias por jornalistas no Brasil, temos como objetivo discutir a relação entre as narrativas biográficas e o processo de produção jornalística. Para atingir esse propósito, iremos analisar os livros *Lula: biografia: volume 1* (2021) e *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo* (2012)³, escritos, respectivamente, pelos repórteres Fernando Morais e Mário Magalhães. Antes, porém, precisamos discutir os imbricamentos dessa relação e os métodos utilizados para a

³ Para efeito de fluência, a partir da próxima citação, passaremos a utilizar somente os primeiros nomes dos livros.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

consecução das obras. Importante ressaltar que não temos a intenção de fazer um trabalho comparativo entre as duas publicações, mas refletir sobre os modos de apreensão das vidas de duas personalidades políticas. Para atingir esse propósito, trabalharemos com o operador metodológico da “transparência” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003; MAIA, 2008; CHRISTOFOLETTI, 2021), com o intuito de verificar quais métodos os jornalistas utilizaram para a produção dos livros, levando em consideração os procedimentos, as fontes, e o lugar testemunhal dos repórteres.

Biografias e jornalismo

Classificada como gênero impuro por François Dosse (2015), a biografia se situa na tensão entre o desejo de representar o passado vivido e a imaginação do biógrafo, um conflito entre o real e o ficcional, elementos que se cruzam e se complementam na construção da narrativa. Essa interseção acontece porque o biógrafo encontra lacunas documentais, perguntas sem respostas, contradições e outros desafios ao empreender um relato biográfico (AVELAR, 2012), trabalho que, assim, admite e requer o emprego de técnicas ficcionais para dar sentido à história de vida. Isso não quer dizer, todavia, que a biografia não possa ser produzida a partir de técnicas de captação jornalística e métodos de verificação; embora não possa alcançar a totalidade de uma pessoa, o biógrafo é capaz de relatar a sua trajetória de vida, ainda que de maneira limitada (AVELAR, SCHMIDT, 2018).

Além do conflito entre o real e o ficcional, a biografia também possui um caráter interdisciplinar, por atravessar as fronteiras da história, da literatura e do jornalismo, em que pese o atravessamento neste campo ser mais recente (WOITOWICZ, ADAM, 2020). No Brasil,

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Elói Pontes e Raymundo Magalhães Jr. foram pioneiros entre os jornalistas na produção de biografias, mas os profissionais da área só passaram a se interessar de maneira mais ostensiva a partir de meados dos anos 1980 (WOITOWICZ, ADAM, 2020).

Alberto Dines, jornalista falecido em 2018, repórter premiado e vencedor de prêmios como o Jabuti, Vladimir Herzog e Abraji, foi um dos principais nomes dessa aproximação entre jornalistas e biografias, ao publicar *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* (1981), explicam Karina Woitowicz e Felipe Adam (2020). Outros profissionais do jornalismo se juntaram a ele neste período, como Fernando Moraes, autor de *Olga* (1985), livro que permaneceu na lista dos mais vendidos do país por 29 meses, e Regina Echeverria, com *Furacão Elis* (1985). A década seguinte expandiu esse movimento, quando Ruy Castro publicou *O anjo pornográfico* (1992); Fernando Moraes, mais uma vez, com *Chatô: o rei do Brasil* (1994); Jorge Caldeira, com *Mauá: empresário do Império* (1995); e Ruy Castro, novamente, com *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), entre muitas outras biografias.

Esse movimento de aproximação entre jornalistas e a biografia foi cunhado pela crítica literária Walnice Galvão (2005, p. 351) como o “novo biografismo”, descrito por ela como ocorrido em meio ao resgate da esquerda, após o golpe de 1964, e culminando nas produções de biografias, mas também na literatura em geral, no romance, na reportagem e no tratado histórico, tal como no cinema, nos filmes de ficção, nos documentários longos e curtos para TV e no docudrama. Conforme Galvão (2005), há dois traços característicos do novo biografismo; primeiramente, ele se debruça sobre as trajetórias de vida de brasileiros ou pessoas importantes para a história do Brasil pouco divulgadas; ademais, a defesa de causas progressistas. “Teria muito a ver com a necessidade de urdir a crônica dos tempos próximos, enquanto o recuo azado à historiografia demorasse a se instalar” (GALVÃO, 2005, p. 356).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Anteriores à aproximação entre jornalista e a biografia, o memorialismo e o romance-reportagem se intensificaram no Brasil nos anos 1970 e ajudaram a demarcar os limites do novo biografismo, contaminando-o cada qual ao seu modo (GALVÃO, 2005). O memorialismo já era praticado no país há muito tempo, mas recebeu um salto de qualidade nesse momento, com a publicação de obras de autores como Pedro Nava, Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis, entre outros. Já o romance-reportagem foi responsável por unir a ficção a eventos de grande impacto na mídia, como no livro *A infância dos mortos* (1977), de José Louzeiro, contribuindo ao sugerir um cerco em uma área que ainda deve receber uma precisa investigação (GALVÃO, 2005).

O período em que cresceu o interesse de jornalistas pelas biografias também coincide com o momento de uma iminente abertura política no Brasil, que desde meados de 1977 já se materializava com as greves no ABC Paulista, a campanha pela anistia, o Movimento em Defesa da Amazônia, entre outros, quando surge um movimento editorial com características de oposição à ditadura militar vigente naquele momento (MAUÉS, 2014). Livros de parlamentares de oposição, de denúncia ao regime e com depoimentos de exilados e ex-presos políticos, romances políticos, romances-reportagens, livros-reportagem, de memórias e clássicos do pensamento socialista foram publicados por “editoras de oposição”, como Alfa-Ômega, Brasil Debates, Ciências Humanas, Codecri, Edições Populares, Global, Graal, Hucitec, Kairós, Livramento, L&PM e Vega, que uniam engajamento político à ação editorial (MAUÉS, 2014). Muitas dessas obras, aliás, escritas por jornalistas.

Todavia, ainda há uma resistência de pesquisadores da história, da literatura e do próprio jornalismo em relação às biografias escritas por jornalistas, com críticas relacionadas aos procedimentos metodológicos adotados e o seu valor documental e narrativo (VIEIRA, 2015). Para Benito Schmidt (1997, p. 5 *apud* VIEIRA, 2015, p. 53), por exemplo, a historiografia

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

“manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos: quem produziu determinado vestígio? Em que situação? Com quais interesses?”, questionamentos que não seriam sempre feitos por jornalistas na produção de suas biografias. Sergio Vilas Boas (2006), por sua vez, aponta limitações que influenciam na escrita de biografias por jornalistas, como uma superficialidade para visualizar e sentir a experiência humana e o próprio sentido da escrita biográfica e a dificuldade para enxergar possibilidades narrativas possíveis.

Com visão oposta às questões levantadas, percebemos que inúmeras biografias, que vêm sendo produzidas por jornalistas, no Brasil, conseguem estabelecer conexões entre as vivências pessoais dos biografados com questões sociais, filosóficas e políticas, além de conseguirem evidenciar, para o leitor, quais os métodos e técnicas empregados para a consecução da obra, o que permite não só ter acesso ao *modus operandi* do profissional, como, de certa forma, experimentar os acontecimentos narrados nos livros (SILVERSTONE, 2005).

Outro aspecto a ser mencionado é que a biografia vem se tornando um campo possível para o desenvolvimento de trabalhos que se contrapõem ao chamado jornalismo de referência, “que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma parcela do mundo público” (ZAMIN, 2014, p. 939), possibilitando, como já escrito na Introdução, outros modos de produção da área, que desconsideram uma perspectiva reducionista da narrativa jornalística que defende a linguagem como simples código e o jornalista como mero “transmissor” dos fatos.

Rose Silveira (2018), no mesmo entendimento, defende que a reportagem é um gênero que não dá sinais de esgotamento e encontra, nas histórias de vida, um lugar de resistência. Por mais que o jornalismo esteja passando por transformações em todo o mundo e, em especial no Brasil, com a redução das tiragens impressas, o enxugamento das redações e o fechamento

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

de veículos de comunicação, a linguagem jornalística é capaz de se adaptar a novos suportes, como *sites*, *blogs*, *podcasts* e canais de vídeos (SILVEIRA, 2018). Assim, o jornalismo não fica refém dos formatos tradicionais, como a televisão, o rádio, o jornal e a revista impressos, e a reportagem renova o seu sentido como um trabalho de narração da história de vida (SILVEIRA, 2018).

Para Silveira (2018), a produção de uma biografia permite ao jornalista um tempo diferente daquele da redação, marcado pela instantaneidade da notícia e que, muitas vezes, impede que o profissional se aprofunde em suas investigações. Mário Magalhães, por exemplo, necessitou de nove anos para publicar *Marighella* (2012), enquanto Fernando Moraes precisou de uma década completa para colocar *Lula* (2021) nas prateleiras e vitrines das livrarias. Assim como no fazer de uma reportagem, a construção de uma biografia requer rigor e método do jornalista:

Requer planejamento de pauta; pesquisa prévia de fontes; levantamento, leitura e descarte de documentos; realização de entrevistas (com uma ou mais fontes ou mais de uma vez com a mesma fonte); apuração de denúncias e de toda informação que seja relevante para se traçar um panorama da questão e detalhá-la. Necessita da presença do repórter, seu senso de observação, uma vez que os recursos tecnológicos, mesmo com toda parafernália à disposição dos jornalistas nos dias atuais, são insuficientes para aferir o calor dos acontecimentos. O trabalho, enfim, reivindica a disponibilidade do repórter para estabelecer trocas e saberes com outras pessoas. Só então ele poderá escrever seu texto, discuti-lo com o editor, ou editores, e preparar sua publicação. (SILVEIRA, 2018, p. 95).

Consideramos, como Armand Mattelart e Michèle Mattelart (2004), que passamos por um período histórico de uma espécie de retorno ao “vivido”, em que as experiências do cotidiano passam a ocupar um lugar antes reservado especialmente aos ditames das estruturas sociais.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Os autores, mesmo considerando os esquemas de poder existentes, indicam que é preciso se aproximar um pouco mais desse sujeito em suas práticas diárias. Concordamos com outros dois autores (MAIA, LELO, 2013), quando eles argumentam que muitas biografias produzidas na atualidade conseguem ocupar um lugar de apreensão desse cotidiano e suas subjetividades.

É na importância dada às figuras singulares não dissociadas dos lugares pelos quais transitam que se esboçam algumas das dimensões das narrativas biográficas contemporâneas. Na transitoriedade, nos fluxos e nas distintas apropriações de espaço de múltiplos singulares foram desenhadas pontes que se articularam incessantemente, atribuindo sentidos às constantes instituídas. (MAIA, LELO, 2013, p. 128).

Nessa perspectiva, entendemos que avaliar e refletir sobre o modo de produção dessas biografias, aqui exemplificadas por duas delas, contribuem para um processo hermenêutico que leva em consideração quais mecanismos foram utilizados para a configuração narrativa. Antes, porém, precisamos discutir de que modo os autores deixam entrever para os leitores, ainda que de maneira indicial, a relação entre os modos de produção jornalística e biográfica.

Transparência no processo de produção jornalística

A partir do caráter público do jornalismo, consideramos que os receptores têm direito não só à informação, mas, especialmente, ao processo de produção das reportagens, no sentido de conhecer os recursos que foram utilizados para o resultado final do material publicado, como ter acesso à concepção da pauta, às fontes utilizadas, aos mecanismos de captação e à própria

edição. Essa discussão assume um aspecto protagonista, na atualidade, por conta da intensa disseminação das chamadas *fake news* e a queda do nível de credibilidade nas corporações midiáticas.

O cotidiano dos jornalistas é descrito por Luiz Costa Pereira Junior (2006) como uma rotina com redações enxutas, profissionais sobrecarregados, horários de fechamento mais curtos e realidades, muitas vezes, não verificáveis. Além desse diagnóstico, podemos acrescentar as dificuldades dos novos arranjos produtivos, que enfrentam problemas orçamentários para a consecução das reportagens. Diante de tantos obstáculos, todo o processo jornalístico se vê prejudicado, desde a elaboração de pautas à edição, o que contribui para a prática, por exemplo, do jornalismo declaratório, que se baseia apenas nas declarações das fontes de informação, sem a devida checagem. A busca pela credibilidade, portanto, passa pela divulgação de seus procedimentos, pois, muitas vezes, falta “transparência capaz de revelar os procedimentos e as credenciais que tornem dignos de confiança as notícias e os autores, respectivamente” (GUERRA, 2014, p. 200).

Consequentemente, as dificuldades para o exercício do jornalismo de qualidade implicam a falta de transparência no processo de produção jornalística. Além das empresas jornalísticas serem, em grande parte, de controle privado, e apoiarem uma mentalidade de que não precisam ser transparentes, há uma cultura entre os jornalistas que despreza a transparência devido às dificuldades já citadas, mas também aos riscos às fontes e a si mesmos (CHRISTOFOLETTI, 2021). Sydney Schanberg, vencedor do Prêmio Pulitzer de 1976, aponta, em uma pesquisa sobre o nível de transparência dos 25 maiores veículos de mídia, realizada pelo International Center for Media and The Public Agenda [ICMPA], um aspecto importante sobre o comportamento dos meios:

A imprensa clama por transparência do governo, corporações, dentre outros. Mas aqui os repórteres rejeitam transparência para eles próprios, e ainda dizem que praticam o bom jornalismo. O público necessita de mais explicação, e ela somente pode vir dos próprios repórteres⁴.

Nessa perspectiva, a recepção leitora, aqui entendida como um grupo genérico, formado por leitores, ouvintes, telespectadores e internautas, deve ter direito ao acesso à informação e aos mecanismos de sua produção, tendo em vista que as biografias produzidas por jornalistas têm relativa autonomia, já que são produzidas no formato livro, como um espaço mais autoral e menos controlado, e que pode fornecer detalhes dos procedimentos utilizados no processo de produção para esse mesmo público (MAIA, 2008).

Temos como base de apoio, nessa perspectiva, o pesquisador Giorgio Agamben (2009, p. 40) quando ele afirma que o livro pode ser visto como um dispositivo, como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. O livro então, enquanto suporte midiático e como objeto estético-cultural, garante a sua materialidade ao possibilitar novas percepções da realidade, além de poder agenciar e envolver os sujeitos no sentido da configuração de novas experiências.

Ao conseguir aproximar os métodos de produção da reportagem com os procedimentos adotados para a escrita sobre o outro, os jornalistas conseguem apontar novas possibilidades para o próprio fazer jornalístico, hoje ampliado, tanto pelo advento de novas tecnologias quanto

⁴ No original: “The press calls for transparency by government, corporations, and everyone else. But here the reporters reject transparency for themselves, and yet they say they are practicing good journalism. The public needs a fuller explanation, and that can only come from the reporters themselves”. Disponível em <http://www.icmpa.umd.edu/pages/studies/transparency/z_study_conclusions.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

pela necessidade de se promover rupturas nos modos convencionais de escrita sobre a realidade, visto que “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (LEAL, 2013, p. 28). Esse circuito comunicacional tem seu lugar assegurado nas inúmeras histórias que circulam cotidianamente, considerando ainda que a narrativa biográfica não deve apresentar desfechos, afinal é o acontecimento ocorrendo, em constante processo. Importante considerar que qualquer biografia nunca é definitiva, pois novas questões podem surgir na esfera social.

A partir das questões levantadas até aqui, passamos agora para a análise dos livros indicados, levando em consideração a transparência dos processos de captação que envolvem especialmente, as fontes, os mecanismos de produção e o lugar testemunhal dos jornalistas.

O processo da transparência nos livros “Lula” e “Marighella”

A partir da leitura dos dois livros e de consulta a entrevistas dos autores, temos, como objetivo, fazer uma análise da narrativa a partir do operador metodológico da transparência. Os livros permitem aproximações entre este operador, mostrando como é possível aliar experiência, publicização das informações e processos de subjetivação em uma perspectiva fronteiriça da linguagem que se direciona ao jornalismo biográfico.

Os jornalistas Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), por meio de uma ampla pesquisa participativa, produziram um livro síntese desse trabalho denominado *Os elementos do jornalismo*, em que apresentam um diagnóstico sobre a prática profissional e sugerem maneiras de alterar a situação bastante preocupante em que se encontra o campo profissional. Eles avaliam que o jornalismo pode oferecer métodos particulares de verificação, que eles definem

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

como “disciplina da verificação”, sustentada por cinco conceitos básicos, aqui resumidos: 1) nunca acrescente nada que não exista; 2) nunca engane o público; 3) seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos; 4) confie só no seu próprio trabalho de reportagem e 5) seja humilde.

Levando em consideração esses princípios, eles consideram a transparência um dos princípios centrais para uma adequada produção jornalística, visto que compreendem a importância de revelar suas fontes e métodos para o público.

A única maneira prática de dizer ao público o quanto sabemos é revelar o máximo possível sobre nossas fontes e métodos. Como sabemos o que sabemos? Quais são nossas fontes? Que tanto sabem elas? Que preconceitos mostram? Existem relatos conflitantes? O que não sabemos? Chamamos isso de Regra da Transparência. Consideramos essa regra o mais importante elemento (grifo nosso) na criação de uma melhor disciplina da verificação. (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 126).

A partir dessa perspectiva, teremos como eixo metodológico de análise o processo de transparência das duas biografias já indicadas. Levaremos em consideração, em especial, quais fontes foram utilizadas, quais informações sobre o processo de produção das obras nos foram reveladas, seja no interior da narrativa, seja no prefácio ou posfácio, além da presença da voz narrativa dos autores na construção narrativa. Afirmando o lugar de observador ativo, o jornalista pode, como aponta Ana Cláudia Peres (2021), apresentar-se como uma modalidade de testemunho de maneira mais ampliada:

Quando distanciados do fundamento ontológico que torna obrigatória a presença da testemunha no evento, começamos a desenhar outras possibilidades para o jornalismo. Nesse caso, como na maioria dos relatos jornalísticos ligados a eventos traumáticos, o repórter não “estava lá” – não poderia. Mas, mesmo que estivesse, como as demais testemunhas que orbitam em torno dos personagens dessa reportagem, a ele não seria dado o domínio total do acontecimento. (PERES, 2021, p. 32).

Mesmo brevemente, precisamos evidenciar que seguimos a noção de testemunho a partir da concepção de Márcio Seligmann-Silva (2010), já que o autor compreende que o testemunho não estaria reservado somente à pessoa que passou por determinada experiência e sobreviveu; alguém que presenciou o acontecimento, que viu ou acompanhou o que aconteceu, também teria garantido seu direito ao testemunho. Nessa visada, acompanhamos o trabalho diligente de dois repórteres que utilizaram toda a experiência profissional e de vida para conseguir relatar a vida de dois personagens do mundo político que tiveram e ainda têm muita influência no cenário nacional.

Concordamos com Paul Frosh (2009) quando afirma que o testemunho midiático não requer, necessariamente, a presença física do testemunho no local do acontecimento. Assumimos então a perspectiva do autor que denomina de “texto testemunhal” aquilo “que cria presença em um evento, que produz experiência a partir do discurso”⁵ (FROSH, 2009, p. 60, tradução dos autores), ou seja, o relato que acaba sendo construído narrativamente no processo interativo da recepção, o que amplia a antiga noção do jornalista enquanto presença

⁵ No original: “It is the witnessing text which creates presence at the event, which produces experience out of discourse”.

ocular da história. No caso das biografias, podemos acrescentar uma camada de subjetividade visto que entram em cena questões de ordem privada, pessoal e íntima.

Como já escrito na Introdução, não iremos realizar uma análise comparativa dos dois livros, tampouco analisar a qualidade estético-literária das obras, mas sim considerá-los como dois livros escritos por jornalistas, que trouxeram para o espaço público duas histórias de vida de militantes políticos da história contemporânea do Brasil. Importante ainda registrar que uma das biografias foi escrita durante a vida do biografado (e ainda terá mais um volume) e a outra foi escrita décadas após a morte de seu protagonista.

No posfácio de *Lula* (2021), o escritor Fernando Moraes afirma que seu livro foi publicado com 20 anos de atraso. Assim que o biografado, Luís Inácio Lula da Silva, foi eleito presidente da República, em 2002, o jornalista procurou o seu secretário de Imprensa, Ricardo Kotscho, para propor a escrita da biografia do líder petista, mas desistiu da empreitada diante da negativa que ouviu naquele momento (MORAIS, 2021). O escritor voltou à carga em 2006, quando Lula foi reeleito, mas novamente foi convencido a desistir da ideia, desta vez pelo próprio presidente. O processo de produção da biografia de Lula só começou em 2011, quando o político já havia encerrado o seu segundo mandato como presidente da República e enfrentava um tratamento contra um câncer de laringe: “Muita gente acredita que Lula só aceitou que se fizesse um livro sobre sua vida política depois de tomar consciência de sua finitude” (MORAIS, 2021, p. 416).

Desde então, biógrafo e biografado se tornaram amigos e estiveram juntos ao longo dos anos, entre a primeira entrevista e a publicação do livro (MORAIS, 2021). Muitos dos depoimentos tomados por Fernando Moraes com Lula aconteceram em aviões, durante viagens que o então ex-presidente Lula fazia pelo mundo (MORAIS, 2021). Segundo o autor, o interior

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

dos jatos executivos era o melhor lugar para as conversas porque não havia telefonemas nem pessoas à espera do petista. Ao todo, o escritor relata ter entrevistado 74 pessoas e consultado 68 livros, um projeto de pesquisa, seis arquivos e periódicos, sete filmes e nove sites (MORAIS, 2021).

Além desse quantitativo, Fernando Moraes presenciou muitos dos momentos vividos por Lula ao longo da última década. O biógrafo, além de escrever uma biografia autorizada, teve passe livre para acompanhar seu biografado de perto. No segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, interrompido “por um golpe de estado ‘constitucional’”, ele afirma, inclusive, ter sido “uma testemunha privilegiada da crise” (MORAIS, 2021, p. 419). No entanto, impôs a condição de não entregar os originais a Lula, que só poderia ler sua biografia quando já estivesse publicada (MORAIS, 2021). O livro, ademais, divide-se em dois volumes, que discorrem sobre diferentes momentos da vida do biografado. O segundo deve ser lançado em 2023. Observamos que o Posfácio do livro se apresenta como um espaço em que o jornalista revela boa parte do processo de produção da biografia, como alguns exemplos já citados, o que contribui para a prática da transparência.

Notamos ainda que o narrador do livro tem voz onisciente, pois há um nível elevado de detalhamento de diversas reuniões, algumas somente com a presença de Lula e algum assessor, quando, certamente, o jornalista não estava presente. De todo modo, Fernando Moraes é um narrador singular, pois teve condições de acompanhar Lula em inúmeros momentos, como aparece logo no início da obra, que começa com a história sobre a prisão do ex-presidente. O caráter testemunhal do texto biográfico é facilmente perceptível, já que o autor nos coloca no centro da própria experiência do biografado, como sugere Frosh (2009). Entre inúmeros outros exemplos sobre essa questão, temos o relato do primeiro dia de Lula na prisão,

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

na cidade de Curitiba. Em sua primeira noite, Lula, ao dormir na pequena cela, com luz acesa, nos é mostrado pela voz onisciente. Ela nos diz que Lula “não rezou, não praguejou, não xingou ninguém. Desabou na cama e dormiu tranquilo, sem precisar recorrer a soníferos” (MORAIS, 2021, p. 85). Entramos, via “texto testemunhal”, na esfera íntima do biografado e, de certa forma, nos tornamos cúmplices desse e outros relatos ao longo da obra.

O livro escrito por Mário Magalhães (2012), que conta a história do “guerrilheiro que incendiou o mundo”, também apresenta uma voz onisciente ao conseguir descrever sentimentos e momentos vividos por Marighella em diversas situações relatadas. A estrutura textual é variada, com diálogos e descrições de cenas, além do uso de “fluxos de consciência”, permitindo o acesso aos pensamentos dos personagens. O livro, extenso, tem 732 páginas, ou seja, cerca de um milhão e 200 mil caracteres.

O autor entrevistou 256 pessoas, consultou 70 mil páginas de documentos de arquivos públicos e privados de Rússia, República Tcheca, Estados Unidos, Paraguai e Brasil. Também fez uso de material iconográfico, com 103 fotografias (MAGALHÃES, 2012). Um detalhe que demonstra o rigor na apuração do livro é a existência de 2.580 notas sobre a origem das informações. Para garantir a fluência textual, com uma narrativa não linear, o autor acabou colocando as referências ao final (não como nota de rodapé). Diferente da biografia do Lula, que foi autorizada pelo biografado, Mário Magalhães não solicitou autorização de nenhum parente, mas disse que entrevistava e enviava a transcrição para ciência da pessoa (FÓRUM DAS LETRAS, 2012). O livro recebeu vários prêmios e teve uma versão para o filme homônimo, dirigido por Wagner Moura. Além da música *Mil faces de um homem leal (Marighella)*, composta e cantada pelo grupo Racionais MC's.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Mário Magalhães ainda faz questão de esclarecer que buscou, ao máximo, fontes primárias, além de cruzar os depoimentos e realizar exaustiva checagem (FÓRUM DAS LETRAS, 2012). Afirmando que produziu uma reportagem biográfica, conseguiu, nessa biografia, vários furos de reportagem, o que reforça a ideia da apuração como meio central do trabalho. Ele ainda afirma que “sempre, numa reportagem ou numa relação de amor, ficarão perguntas. Mas as principais eu consegui responder. Por dever de transparência com o leitor, informei a origem de cada informação relevante ou interessante” (SAMPAIO, 2012). As 2.580 notas traduzem essa preocupação com a transparência do processo. Além disso, nos Agradecimentos, o autor indica todas as fontes e consultorias utilizadas para a produção do livro.

Considerações finais

Fica evidente, tanto pela leitura das duas obras quanto pelas entrevistas dos autores, que há uma nítida preocupação com o eixo da transparência para o público leitor. As fontes são apresentadas, o processo de pesquisa e captação também são revelados. Notamos, no caso, de *Lula* (2021), que a voz narrativa do autor aparece com um ponto de vista mais explícito, muito provavelmente, pelo acompanhamento do repórter aos acontecimentos relatados. No caso de *Marighella* (2012), notamos um relativo distanciamento do repórter no sentido de não deixar evidente algumas posições em relação ao biografado, mas isso não retira a importância da obra e o caráter testemunhal do próprio autor que registrou seu dever de memória ao escrever que “certa historiografia oficial se empenhou em eliminar da memória do país os rastros de Carlos Marighella” (2012, p. 583).

Ambos fazem valer a experiência como jornalistas para a produção das biografias e deixam evidente de que maneira as biografias foram configuradas. Uma semelhança que vale a pena observar nas duas obras refere-se ao início das narrativas. Ambas tratam de um momento fundamental na vida dos dois ativistas, que é quando eles são presos, o que aproxima a narrativa biográfica da narrativa jornalística, que não trabalha de maneira cronológica, mas sim a partir de acontecimentos mais relevantes. Outro aspecto, associado ao suporte livro, apoia-se na possibilidade de ampliação da própria reportagem. No caso de *Lula* (2021), uma obra que terá dois volumes; no caso de *Marighella* (2012), um livro com mais de 700 páginas. Mário Magalhães (2012, p. 584) comenta sobre isso ao final do livro: “Eu desejava contar uma vida fascinante, sem as amarras de tempo e espaço, característica das emergências de uma redação de jornal”.

De todo modo, assim como os veículos de comunicação contam e recontam a história do tempo presente (amparada no passado e com perspectiva de futuro), os livros biográficos também não são obras definitivas, como já citado. Há sempre espaço para novas questões, como nos alerta François Dosse (2015, p. 410): “O biógrafo já não tem a ilusão de fazer falar a realidade e de saturar com ela o sentido [...] A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo”.

A transparência na produção das biografias, além disso, contribui para situar a recepção leitora em relação à finitude do gênero. Quando o repórter revela quais procedimentos adotou, explicitando as fontes que ouviu e os documentos que consultou, e é evidente em relação à sua experiência na produção da biografia, permite que a recepção avalie a qualidade da informação e entenda o mecanismo que a produziu, não simplesmente acreditando em tudo

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

que lê (MAIA, 2008). Tratar a biografia como uma obra não definitiva, além disso, é um modo para que o biógrafo se distancie dos cânones do gênero (DOSSE, 2015), que impõem limites à narrativa, e possa assim conceber uma obra mais reflexiva e potente.

Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos.
- Avelar, A. S., & Schmidt, B. B. (2018). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz.
- Avelar, A. S. (2012). Escrita da história, escrita biográfica: das possibilidades de sentido. In A. S. Avelar, & B. B. Schmidt (Orgs.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz.
- Christofolletti, R. (2021). O que pensam os jornalistas brasileiros sobre a transparência das suas práticas? *Revista FAMECOS*, 28, 1-12.
- Dosse, F. (2015). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EdUSP.
- Fórum das Letras. (2012). *"Diante do outro – Lançamento da biografia Marighella"*. Mesa com Mário Magalhães, 1h45min, Ouro Preto. Acervo particular.
- Frosh, P. (2009). Telling Presences: Witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers. In P. Frosh, & A. Pinchevski (Orgs.). *Media witnessing*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Galvão, W. N. (2005). A voga do biografismo nativo. *Estudos Avançados*, 19(55), 351-366.
- Guerra, J. L. (2022). Transparência editorial: a credibilidade jornalística à luz dos sistemas de gestão da qualidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 11, 196-209.
- Kovach, B., & Rosenstiel, T (2003). *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial.
- Leal, B. S. (2013). O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In B. S. Leal, & C. A. Carvalho (Orgs.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios.
- Magalhães, M. (2012). *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

- Maia, M. R., & Lelo, T. V. (2013). Subjetividades em cena no jornalismo biográfico de José Castello. *Mediação*, 15(16), 121-136.
- Maia, M. R. (2005). A regra da transparência como elemento democratizador no processo da produção jornalística. *Brazilian Journalism Research*, 4(2), 132-152.
- Mattelart, A., & Mattelart, M. (2004). *Pensar as mídias*. São Paulo: Loyola.
- Maués, F. (2014). Livros, editoras e oposição à ditadura. *Estudos Avançados*, 28(80), 91-104.
- Morais, F. (2021). *Lula: biografia: volume I*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pereira Junior, L. C. (2006). *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Peres, A. C. (2021). Jornalismo: testemunha lacunar da história. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, 18(1), 25-37.
- Sampaio, M. (2012). *O comunista*. Jornal O Povo. Recuperado em 22 junho, 2022, de <https://www2.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2012/11/21/noticiasjornalvidaarte.2957569/o-comunista.shtml>.
- Seligmann-Silva, M. (2010). O local do testemunho. *Tempo e argumento*, 2(1), p. 3-20.
- Silveira, R. (2018). Histórias de vida: um lugar de resistência para a reportagem. In A. S. Avelar, & B. B. Schmidt (Orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz.
- Silverstone, R. (2005). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola.
- Vieira, K. M. (2015). *Do fazer um saber: a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil.
- Vilas Boas, S. (2003). *Metabiografia e seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico*. São Paulo: ECA/USP.
- Woitowicz, K., & Adam F. (2020). Protagonismo feminino em biografias: perspectivas de gênero na construção das personagens Elis Regina e Maria Bonita. *Ártemis*, 29(1), 299-315.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Zamin, A. (2014). Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. *Revista FAMECOS*, 21(3), 918-942.